

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB

EULAILA MARIA HESPANHOL NUNES

**A VISUALIDADE DO CORDEL NA EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS:
AFETOS PEDAGÓGICOS**

Tarauacá – Acre
2012

EULAILA MARIA HESPANHOL NUNES

**A VISUALIDADE DO CORDEL NA EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS:
AFETOS PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, pela modalidade Universidade Aberta do Brasil, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadores: Belidson Dias Bezerra, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro.

Coorientadoras: Maria Britânia Brito Vianna Peres, Renée Gunzburger Simas.

DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Sebastião Rosa Nunes e
Maria das Graças Fernandes Hespanhol.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que é a esperança do meu porvir, certeza das minhas incertezas e segurança nos meus momentos de insegurança.

A minha família pelo o amor que não se troca, não se vende, não se desgasta.

Aos meus amigos de perto que puderam fazer parte dos meus dias atribulados e também aos de longe que apesar da distância, geograficamente falando, oraram e torceram por mim.

A Tutora Presencial Maria Eliana Nobre da Costa.

Aos Tutores à Distância pelas mediações.

Ao Coordenador do Centro Estadual de Educação Permanente – CEDUP Raimundo Nonato Melo da Silva, bem como a todos os funcionários.

A Valderlândia de Oliveira Silva, professora colaboradora no meu Estágio Supervisionado em Artes Visuais 1.

A Dulceida Ferreira Sampaio, professora colaboradora nos meus Estágios Supervisionados em Artes Visuais 2 e 3.

A Francileide Maria do Socorro Fontineles Marinho, Janaína Araújo Furtado e Jesuíno Bandeira Rodrigues.

A Maria Elmira Daniel da Silva.

A José Ivanilton Bento da Silva.

Aos Orientadores Belidson Dias Bezerra, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Rosalva Ieda Vasconcelos Guimarães de Castro.

As Coorientadoras Maria Britânia Brito Vianna Peres, Renée Gunzburger Simas, em especial, à professora Renée, que tão sabiamente soube me incentivar para a conclusão deste trabalho.

A Milene Silva Figueiredo pelo companheirismo ao longo deste curso e ainda pelo apoio moral no decorrer deste trabalho.

A minha amiga Arivete de Jesus Araújo Furtado pela amizade verdadeira, palavras de apoio e encorajamento.

Aos colegas do curso pela aprendizagem compartilhada.

A todos que mesmo não tenham tido seus nomes constados aqui, de alguma forma contribuíram para que eu chegasse à conclusão deste curso.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 15)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. ARTE COMO EXPRESSÃO CULTURAL	10
1.1. Cultura Popular, Arte e Educação	12
1.1.1. <i>Cordel e Xilogravura: Um Breve Histórico</i>	14
2. O CORDEL NAS ARTES VISUAIS: POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM	20
2.1. A Visualidade do Cordel	23
METODOLOGIA DE PESQUISA	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Folhetos de Cordel	14
Figura 2: Lampião e Maria Bonita	15
Figura 3: Forró pé de serra	17
Figura 4: J. Borges	18
Figura 5: Fugindo da seca	24
Figura 6: Os boiadeiros	25
Figura 7: Mudança de sertanejo	26

INTRODUÇÃO

O tema deste Trabalho de Conclusão do Curso - TCC surgiu de minhas observações no decorrer dos meus Estágios Supervisionados, mais precisamente no Estágio Supervisionado em Artes Visuais 2 (Observação/Participação) e ainda no Estágio Supervisionado em Artes Visuais 3 (Regência) na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Instituto São José, quando observei que o Cordel não faz parte dos conteúdos programáticos da disciplina de Artes.

Objetivando fazer uma investigação mais aprofundada diante de minhas observações, pedi para analisar o Plano de Curso da disciplina de Artes, ficando constatado, na oportunidade, que uma das manifestações culturais apreciada pelo povo acriano, principalmente, pelos mais antigos, não está contemplada no Plano de Curso da referida escola, fato que se estende a todas as escolas do município de Tarauacá.

Perante tais inquietações, decidi realizar esta investigação partindo dos seguintes questionamentos: Existem possibilidades de se inserir o cordel no Ensino das Artes Visuais? De que forma pode se dar essa inserção? O que este conteúdo programático acrescentaria na aprendizagem dos educandos?

O tema se justifica visto que o estado do Acre recebeu uma grande quantidade de nordestinos. Vieram fugindo da seca, e também outros fatores contribuíram, como a ilusão de enriquecimento rápido, a tentativa de se refugiar da guerra e trabalhar na extração do látex, uma vez que a produção da borracha havia alcançado seu auge.

Muitos nordestinos que migraram para esta região não voltaram mais à sua terra natal, aqui constituíram família, fato pelo qual, nós acrianos, somos parcialmente descendentes de nordestinos.

Vale enfatizar que estes povos contribuíram de forma significativa para o processo de formação do estado do Acre, bem como para o desenvolvimento desta região.

Dessa forma, o objetivo primordial deste trabalho é apontar possibilidades de abordagem para o conteúdo programático do cordel nas Artes Visuais, visando contribuir para que os educandos possam reconhecer a arte como um meio de expressão, comunicação do pensamento e sentimento humano, compreender o

cordel como manifestação cultural de um povo, e refletir acerca de nossas raízes culturais.

O cordel está intimamente associado à xilogravura, de forma que imagem e texto se relacionam constantemente. Conta-se que antigamente, as pessoas compravam os “folhetos” pelas ilustrações de suas capas, isto é, mesmo não tivessem o domínio da linguagem escrita, por meio da linguagem visual escolhiam seus livretos. Diz-se que faziam uma associação de texto e imagem, ou seja, associavam a história do folhetim pelo que estava representado na capa.

Pode-se dizer, então, que a Arte é uma forma pela qual o homem expressa suas emoções, sejam elas de ordem pessoal, intelectual, moral, social e/ou religiosa, isto é, por meio dela somos capazes de questionar o mundo.

A relação do tema deste trabalho com o contexto do curso se dá pelo fato de se tratar de uma proposta que possibilita aos educandos conhecer manifestações culturais que fazem parte da cultura popular brasileira pela linguagem da arte.

Para o desenvolvimento desta investigação, recorreu-se às teorias de Ana Mae Barbosa, Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha Telles Guerra e ainda Fernando Hernández. Esses autores foram de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiramente, com um tópico intitulado Arte como expressão cultural, seguido de Cultura Popular, Arte e Educação, Cordel e Xilogravura: Um Breve Histórico, Cordel nas Artes Visuais: possibilidades de abordagem, e por último, A Visualidade do Cordel.

O tópico Arte como expressão cultural avalia a arte como a maior forma de expressão cultural, dá ênfase às primeiras manifestações culturais do homem, evidenciando que a linguagem visual foi utilizada para representar o que estava à sua volta.

No tópico Cultura Popular, Arte e Educação abordamos o valor das nossas raízes culturais no contexto escolar e como tais raízes são evidenciadas por meio da arte; no referido tópico desenvolvi um subitem intitulado Cordel e Xilogravura: Um Breve Histórico, de forma sucinta faz-se uma referência a origem de ambos e explicita como os mesmos se relacionam.

No tópico O Cordel nas Artes Visuais: possibilidades de abordagem foram discutidas as possíveis formas de sua inserção no ambiente escolar, com respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, com os Parâmetros

Curriculares Nacionais – PCN das séries finais (5ª a 8ª Séries/6º ao 9º Ano) da disciplina de Arte, e ainda com as Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Fundamental II, disponível no site da Secretaria de Estado de Educação – SEE.

E por último, no tópico A Visualidade do Cordel, que se configura no campo da Cultura Visual, enfatiza-se a importância de dar oportunidade aos educandos por meio da visualidade dialogar com seus conhecimentos e referências culturais.

1. ARTE COMO EXPRESSÃO CULTURAL

O ser humano continuamente procurou representar o que está relacionado ao seu redor, pois, de acordo com estudiosos, povos pré-históricos retrataram por meio de desenhos, gravuras e pinturas cenas do que os circundavam.

Embora alguns teóricos da História da Arte apontem ponto de vista diferenciado para a função das representações paleolíticas, o fato é que desde os primórdios o homem utilizou a linguagem da arte como forma de expressão, seja para ritualizar suas crenças, seja para representar seus feitos.

As professoras de arte Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha Telles Guerra afirmam que “Antes mesmo de saber ler e escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte” (2009, p. 30).

Percebe-se, então, que os registros visuais sempre influenciaram o homem, e que por meio da visualidade é possível também analisar, refletir e apreciar acontecimentos de um tempo remoto, ficando evidente a importância do visual enquanto interpretação de mundo.

Para a artista plástica Fayga Ostrower “A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores da vida” (2008, p. 5).

Dessa forma, entendo que por meio da arte o homem é capaz de se expressar culturalmente, revelar identidade, emoções e retratar o meio cultural no qual se encontra inserido.

É válido reforçar que a arte como forma de expressão cultural está atrelada às primeiras manifestações do homem desde o início das civilizações, persistindo até os dias atuais, sendo importante reiterar que estas manifestações primitivas, como pinturas e artefatos nos trazem muitas informações relevantes a respeito destes povos, sendo-nos oportunizado entender como viviam, alimentavam-se e ainda de que forma demonstravam seus sentimentos.

Acerca deste assunto Martins, Picosque e Guerra comentam que “Desde a época em que habitava as cavernas, o ser humano vem manipulando cores, formas,

gestos, espaços, sons, silêncios, superfícies, movimentos, luzes e etc., com a intenção de dar sentido a algo, de comunicar-se com o outro” (2009, p.13).

Compreende-se então que por meio de produções artísticas é possível identificarmos os costumes, credos e tradições de um lugar, compreendendo o meio, tempo e espaço nos quais estas produções estão inseridas, emanando delas, portanto, aspectos culturais.

As autoras asseguram que:

A comunicação entre as pessoas e as leituras de mundo não se dá apenas por meio da palavra. Muito do que sabemos sobre o pensamento e o sentimento das mais diversas pessoas, povos, países, épocas são conhecimentos que obtivemos única e exclusivamente por meio de suas músicas, teatro, poesia, pintura, dança, cinema etc. (MARTINS, PICOSQUE, GUERRA, 2009, p. 13)

Nessa mesma linha de pensamento, percebo que as manifestações culturais são apreciadas por meio das Artes, uma forma de expressão do homem, isto é, a arte tem no desenvolvimento cultural um papel importante.

De acordo com a Arte-Educadora Ana Mae Barbosa “(...) A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica” (1998, p. 16).

Por isso, a Arte além de ter um papel relevante no processo de desenvolvimento sociocultural do ser humano, também incentiva a aprendizagem, seja em ambientes formais, informal, fechados, abertos, público ou privados, a verdade é que a Arte pode estar no cinema, museus, exposições e festas culturais.

Ostrower afirma que:

A criação nunca é apenas uma questão individual, mas não deixa de ser questão do indivíduo. O contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e ainda as valorações. (OSTROWER, 2008, p. 147)

Assim, fica compreendido que o meio cultural contribui para que o homem desenvolva sua criatividade, expondo-a por meio de trabalhos artísticos, dando formas a ideias, imagens, emoções, além de estimular a sua capacidade de análise crítica, reflexiva e intuitiva, adquirindo a habilidade de criação e favorecendo

competências para a ação criativa, uma vez que a arte estimula a inteligência e auxilia no desenvolvimento da percepção.

1.1. Cultura Popular, Arte e Educação

Entende-se por cultura popular um conjunto de práticas e expressões culturais de um povo. Neste cenário, compreende-se a arte, a dança, festas, literatura, a música, constituindo-se, então, em arte popular.

Consta no Plano Setorial para as Culturas Populares que a Cultura Popular é:

O conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação e de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (2010, p. 19)

O artesanato, a capoeira, as cantigas de roda, o carnaval, os contos e fábulas, as danças, o frevo, as lendas urbanas, a literatura de cordel, os provérbios, o samba, e ainda as superstições são alguns exemplos das manifestações da cultura popular brasileira.

Sabe-se que a arte popular é a arte de um povo e por se tratar de uma arte que foi considerada menor, ainda hoje encontra barreiras para ocupar espaços escolares, por mais que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, principais referências da educação, enfatizem a importância de um ensino voltado para as práticas das manifestações culturais, faz-se necessário enfatizar que estão praticamente esquecidas na atualidade.

De acordo com o pensamento de Teodoro Freire, o “Seu Teodoro”, como era conhecido esse grande mestre da cultura popular brasileira e o idealizador do Bumba-Meu-Boi:

O que é mais puro de um povo, o que é mais legítimo é a sua Memória Cultural, é a sua língua, essa é que identifica qualquer pessoa e aqui no

Brasil nós estamos desprezando o que é nosso pra usarmos só o que é de outras nações, isso não é justo, isso não é correto. (FREIRE, 2011)¹

Sendo assim, faz-se necessário entendermos que como educadores esses valores, essas raízes culturais precisam ser destacadas em sala de aula. Temos que resgatar essas tradições, abrindo caminhos aos nossos educando para que possam conhecê-las e valorizá-las, uma vez que se trata de valorizar nossa memória cultural, o que imbrica um alicerce para a formação de nossa identidade.

Sabemos que o Brasil possui uma vasta diversidade cultural, resultante das influências de outras culturas, de forma que são várias as manifestações culturais existentes no país.

A respeito disso, Martins, Picosque e Guerra afirmam que:

Desde o tempo do achamento europeu do Brasil, recebemos influências de várias culturas, que foram incorporadas, metabolizadas por nós, configurando a diversidade da cultura brasileira expressa nas nossas singularidades regionais. (2009, p. 10)

Aqui no estado do Acre houve também essa disseminação cultural, visto que nossa cultura regional foi influenciada pelo processo de mestiçagem entre indígenas e nordestinos. A esse respeito, o historiador acriano Carlos Alberto Alves de Souza relata que: “Brasileiros como nordestinos, sulistas e de outros Estados também ocuparam o Acre” (2002, p. 64).

Frente a essa dispersão, entendo que é preciso que as escolas trabalhem a diversidade cultural, uma vez que é no âmbito escolar que há uma grande concentração de diversos povos, isto é, existe uma grande pluralidade cultural.

No entanto, sabe-se que na escola o material didático relacionado à cultura e arte popular é muito escasso, além do mais, quando encontramos livros, estes tendem a focar para as obras de arte europeias, com questões que se remetem mais a centros urbanos.

Em relação a essa constatação a arte-educadora Barbosa (1998, p.14-15), afirma que “As culturas de classes sociais baixas continuam a ser ignoradas pelas instituições educacionais, mesmo pelos que estão envolvidos na educação destas classes”.

¹ Entrevista concedida por “Seu Teodoro” ao CPCE – Centro de Produção Cultural e Educativa da Universidade de Brasília, disponibilizada no Ambiente Moodle para a Disciplina de Arte e Cultura Popular no ano de 2011.

A arte no contexto escolar pode ser considerada uma aliada do fazer pedagógico do professor. Sobre este assunto as Arte-Educadoras Maria Felisminda Fusari e Maria Heloísa Ferraz garantem que:

Para desenvolver um bom trabalho de Arte o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos. Conhecer os estudantes na sua relação com a própria região, com o Brasil e com o mundo, é um ponto de partida imprescindível para um trabalho de educação escolar em arte que realmente mobilize uma assimilação e uma apreensão de informações na área artística. (2001, p. 73)

Diante desta afirmação, fica compreendido que o professor precisa estabelecer uma relação de afeto com os seus alunos para que assim conheça com mais propriedade seus gostos, experiências e inclusive suas raízes culturais, tornando-se o primeiro a dar um passo na abordagem de conteúdos relacionados às essas questões, promovendo uma educação consciente, pois, o aluno passa a reconhecer e valorizar a cultura da qual faz parte.

1.1.1. Cordel e Xilogravura: Um Breve Histórico

Dentre as manifestações da cultura popular brasileira, está o cordel, que embora seu berço de nascimento seja a Europa, tem no nordeste expressiva produção e apreciação.



Figura 1: Folhetos de Cordel.

Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Com base na pesquisa acerca deste assunto, os “folhetos” na Europa eram vendidos em feiras, pendurados em cordão, fato que deu origem a palavra cordel.

Trazido para o Brasil como poesia oral pelos colonizadores lusos, o cordel ganhou maior expressividade na região nordeste, sendo um dos mais respeitados cordelistas Leandro Gomes de Barros. Escrito em versos rimados, constituído em poesia popular e consolidado como uma das principais manifestações culturais do nordeste brasileiro, seus relatos contam histórias e passam informação, muitas vezes de maneira descontraída.

Em outras palavras, o cordelista Moreira de Acopiara afirma que “O cordel chegou ao Brasil como poesia oral trazida pelos portugueses. Os temas principais desse tipo de literatura no país eram (e ainda são): o cangaço, a religiosidade, as catástrofes, os contos de fadas e as grandes histórias de amor” (2008, p. 5).



**Figura 2: Lampião e Maria bonita, Autor: J.Borges.
Fonte: Arte popular do Brasil**

Acopiara ressalta que:

Antes da evolução do rádio, do jornal e da televisão, no nordeste do Brasil, as pessoas ficavam sabendo dos acontecimentos históricos, das notícias, dos romances e até das fofocas por meio dos versos populares impressos em pequenos livros (...), vendidos nas feiras e mercados populares. (ACOPIARA, 2008, p. 5)

Vale lembrar que mais difundido na região nordeste, pode ser apreciado em todas as regiões deste país, pois, devido à intensa imigração nordestina o cordel se expandiu em todo o Brasil.

Esta arte da escrita é uma fonte inesgotável de inspiração, uma vez que por meio dos versos rimados são disseminadas outras técnicas artísticas, como por exemplo, as xilogravuras (nordestinas) de cordel, além de outras linguagens artísticas, tais como o teatro e o cinema.

Podemos citar como exemplo, o dramaturgo paraibano Ariano Suassuna que afirma que algumas de suas peças teatrais, como o Auto da Compadecida foram baseadas em “folhetos”.

No que diz respeito à história da xilogravura, Costella enfatiza que “Não se sabe ao certo quando (...) começou a ser praticada, nem quem foi seu inventor. Acredita-se que (...) teria se iniciado sobre tecidos (...) passando, só depois, a imprimir sobre o papel” (2006, p. 35). Vale lembrar que xilogravura é uma palavra de origem grega, sendo que “xilon” significa madeira e “grafo” vem de gravar, assim, a xilogravura é a técnica da gravação em madeira.

Ainda sobre o Cordel Acoiara lembra que:

Até hoje, esse gênero literário é bastante difundido no nordeste, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Alagoas e Piauí. Os poemas, geralmente vendidos pelos próprios autores, ainda narram fatos do cotidiano local, como acontecimentos políticos, festas, desastres, disputas, milagres, enchentes, secas etc. (...) O cordel também está presente em outras regiões do país. (2008, p. 5)

Diante desta informação, é perceptível que o cordel desenvolve um papel importante para a cultura popular brasileira, merecendo destaque no espaço escolar para o apreciar, o analisar e o fazer dos educandos.

Sobre a xilogravura no Brasil, Costella diz que “Além da xilogravura de arte usualmente denominada ‘erudita’, floresceu no Brasil toda uma plêiade de xilógrafos criativos, originários das oficinas tipográficas vinculadas à literatura de cordel, cujas raízes remontam aos cantadores nordestinos” (2006, p. 48).

Neste contexto, percebe-se uma relação entre cordel e xilogravura, de forma que imagem e texto se integram. Costella destaca que “Essa fonte espontânea e vigorosa da xilogravura brasileira é responsável por uma extraordinária riqueza artística, cuja herança persiste e desdobra-se até nossos dias” (2006, p. 48).

Dentre os xilogravuristas nordestinos, trago para ilustrar esta investigação J. Borges, suas xilogravuras narram fatos do cotidiano do nordeste, retratam o imaginário popular, a realidade e a alegria do povo nordestino.



**Figura 3: Farró pé de serra, Autor: J. Borges.
Fonte: Arte popular do Brasil**

No site da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC pode-se encontrar uma pequena biografia deste que é considerado o maior expoente das xilogravuras nordestinas.

Consta na mesma seu nome de nascimento, que é José Francisco Borges, nascido em Bezerros, no estado de Pernambuco, em 20 de dezembro de 1935. Por seus trabalhos, J. Borges, como é popularmente conhecido, já foi premiado no Brasil e no exterior.

Certa vez, o cineasta Vladimir Carvalho ao se preparar para anunciar J. Borges em uma palestra na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, sendo recebido por alunos e professores, o referido cineasta enfatizou que “O cordel agoniza, mas não morre”, acrescentando:

Era isso que eu tinha a dizer numa homenagem a este extraordinário escritor, este homem que como dizia Câmara Cascudo a respeito de outros gênios da nossa gente e do populário brasileiro. É um gênio que não sabe que é gênio, pela sua simplicidade, pela sua ingenuidade. J. Borges, pra

mim um gênio e merecedor de títulos em qualquer universidade brasileira. As minhas homenagens a ele. (CARVALHO, 2011)²



**Figura 4: J.Borges, Foto: Francisco Moreira da Costa.
Fonte: Arte popular do Brasil**

Suassuna também reverencia J. Borges. Ao se referir sobre uma produção xilográfica deste em uma determinada palestra, ele diz “Aqui é uma gravura feita pelo grande mestre da gravura nordestina, um homem do povo que é, é poeta e é gravador, chama-se J. Borges”.³

Afirma ainda que parte da poesia narrativa dos folhetos para fazer seu teatro, assegurando que Gilvan Samico, desenhista e gravurista brasileiro, tal como ele, parte das capas dos folhetos para fazer suas xilogravuras.

Diante do exposto, percebe-se que há uma grande relação entre o cordel e as xilogravuras de J. Borges. Em Brasília – DF onde há uma grande concentração de migrantes nordestinos, as xilogravuras deste grande cordelista e xilogravurista fazem parte do Currículo de Artes nas séries finais do Ensino Fundamental. Recomenda-se nos conteúdos para a 6ª Série/7º Ano do referido currículo (2008, p. 126) abordar “Técnicas e prática de gravura em geral, com especial ênfase na

² Vídeo apresentado pelo CPCE – Centro de Produção Cultural e Educativa da Universidade de Brasília, disponibilizado no Ambiente Moodle para a Disciplina de Arte e Cultura Popular no ano de 2011.

³ Vídeo apresentado pelo CPCE – Centro de Produção Cultural e Educativa da Universidade de Brasília, disponibilizado no Ambiente Moodle para a Disciplina de Arte e Cultura Popular no ano de 2011.

xilogravura ilustrativa da literatura de cordel”. E ainda, “A contribuição de J. Borges à xilogravura brasileira”.

Observa-se então que utilizar o cordel como recurso pedagógico no ensino das Artes Visuais é despertar no educando seu processo criativo, além de uma vasta gama de conhecimento que será passada ao mesmo.

2. O CORDEL NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS: POSSIBILIDADES DE ABORDAGEM

Apresento neste capítulo possibilidades e formas de abordagem do cordel no ambiente escolar por meio do ensino das Artes Visuais, possibilidades estas que estão em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN das séries finais (5ª a 8ª Séries/6º ao 9º Ano) da disciplina de Arte, e ainda com as Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Fundamental II, disponível no site da Secretaria de Estado de Educação – SEE.

Em função das mudanças que ocorreram e que veem ocorrendo no meio social, o campo da arte também tem passado por transformações, resultando, inclusive, no surgimento de novas terminologias, sendo que em meio à propagação dessas novas nomenclaturas, surge a Cultura Visual.

O professor Raimundo Martins nos faz saber que:

Na cultura visual, as representações emergem como força mobilizadora, como condição e possibilidade, como expectativa de que eventos visuais, imagens, visualidades ou a interação entre eles possa conferir a elas autorização para tornar-se um discurso representativo. (2005, p. 142)

Considerado como uma das principais manifestações culturais do povo nordestino, o cordel é um grande gerador de visualidade. As rimas são grandes disseminadoras de imagens. Ao ler a estrofe de um verso de cordel é possível dar visualidade e/ou visibilidade, criando um mundo imagético ao mesmo.

Lembramos novamente Martins quando diz: “Em relação às Artes Visuais, a cultura visual propõe deslocamentos teóricos de várias ordens, transgride princípios históricos e ignora fronteiras”. (MARTINS, 2005, p. 141)

Dessa forma, a cultura visual nos permite analisar as rimas dos versos do cordel nas mais diversas visualidades deste, como a xilogravura, o teatro e o cinema.

Em uma visita realizada ao Portal do Ministério da Educação e Cultura – MEC com o intuito de fazer uma leitura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, de constatar no artigo 26, parágrafo 2º que: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório,

nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1996, sem página) Observei, porém, que o referido parágrafo foi alterado em Redação dada pela Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010.

Deste modo, surpreendentemente, o parágrafo acima citado que já estabelecia o ensino de arte como componente curricular obrigatório, agora dá ênfase as “expressões regionais”, ficando, então, dessa forma: “O ensino da arte, **especialmente em suas expressões regionais**, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (Grifo nosso).

Sendo assim, no meu entendimento, perante uma lei que atualmente destaca as expressões regionais, levar para as aulas de Artes Visuais o cordel é criar oportunidades para que o educando possa conviver com suas raízes culturais, além de conhecer as manifestações regionais do povo nordestino.

Consta no Quadro de Referências Curriculares de Artes Visuais para o 7º ano na tabela de conteúdos das Orientações Curriculares – OC para o Ensino Fundamental II da Disciplina de Arte, disponível no site da Secretaria de Educação do Estado do Acre que:

Apreciação de obras de arte e de reproduções de obras de arte da cultura local, brasileira e de outras culturas, e da informação visual veiculada pelas mídias publicitária, televisiva e de comunicação impressa, como revistas, jornais, cartazes, sobretudo daquelas realizadas nas técnicas de gravura, como as xilogravuras de cordel. (2010, p. 46)

Dessa forma, com base nas orientações acima, pode-se afirmar que as xilogravuras de cordel possibilitam ao educando conhecer a cultura do povo nordestino, sendo permitido observar e analisar essas criações artísticas.

Observei, então, que a OC de Arte do EF II contempla o cordel por meio de suas xilogravuras e uma vez que existe o conteúdo nas referidas orientações, falta apenas ser inserido no Projeto Político Pedagógico – PPP das escolas do município de Tarauacá.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais das séries finais da Disciplina de Arte:

O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas, que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar. A realização de trabalhos pessoais, assim como a apreciação de seus

trabalhos, os dos colegas e a produção de artistas, se dá mediante a elaboração de ideias, sensações, hipóteses e esquemas pessoais que o aluno vai estruturando e transformando, ao interagir com os diversos conteúdos de arte manifestados nesse processo dialógico. (BRASIL, 1998, p. 19)

Com base no PCN de Arte, nota-se que as xilogravuras de cordel podem ser trabalhadas como expressão cultural, haja vista que estas trazem em si, em toda sua grandeza, uma expressiva exuberância, permitindo um diálogo entre as linguagens verbal e visual, levando-nos a várias abordagens temáticas, abordagens estas possíveis e presentes nos componentes curriculares do Ensino Fundamental II.

Faz-se necessário destacar que este conteúdo suscita vários questionamentos, haja vista que se trata de um campo bastante fértil para debates, além do mais, por ser de teor interdisciplinar, facilita um diálogo entre as demais disciplinas do currículo escolar, abrindo muitas possibilidades de trabalho para a concretização de uma aula criativa e interessante.

Para a professora Sandra Ferreira, a interdisciplinaridade “(...) garante, para aqueles que a praticam, um grau elevado de maturidade (...). Aprende-se com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros”. (2011, p. 35)

Com base na afirmação da autora, na minha concepção, o trabalho em sala de aula com o cordel pode abranger várias disciplinas, como: Língua Portuguesa, História, Geografia, mas acredito que a Literatura e a Arte são as disciplinas que mais se inter-relacionam com este conteúdo.

Na Literatura, tal como nas Artes Visuais, se evidenciam expressões de sentimentos, emoções, sensações, muita imaginação e criatividade. Ambas se complementam, de forma que, no meu entendimento, é praticamente impossível discorrer sobre uma sem fazer menção à outra. A Literatura abarca vários campos do conhecimento, semelhantemente, a Artes Visuais é um universo abrangente, o que a torna privilegiada, pois, proporciona conteúdos que possibilitam uma aproximação com diversas disciplinas do currículo escolar.

As vantagens nesta proposta em trabalhar na sala de aula um assunto como o cordel é primeiramente levar conhecimento sobre a cultura nordestina, dando ênfase que esta contribuiu para a formação cultural de nosso município, além de

proporcionar aos educandos o contato com a técnica da xilogravura, tanto para análise, quanto para produção.

Como afirma Barbosa:

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das Artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (1998, p. 16)

Trata-se, sem dúvida de um conteúdo programático que contribuirá para o ensino e aprendizagem dos educandos em relação ao conhecimento histórico do povo nordestino, além de possibilitar a apreciação e a produção em Arte.

Para Barbosa, “(...) É necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações” (1998, p. 14).

Dessa forma, o ensino de artes visuais na escola deve primar tanto à identidade cultural local, quanto regional e universal, pois, é na escola que se fazem conexões com diferentes identidades, uma vez que estamos em constante relação com povos e culturas diferenciadas.

2.1. A Visualidade do Cordel

Partindo do princípio de que neste trabalho procura-se investigar as possibilidades para a abordagem do cordel na Educação em Artes Visuais, acredito que o campo da Cultura Visual seja mais uma possibilidade para a abordagem deste conteúdo programático, haja vista que por meio desta, com base nas xilogravuras nordestinas, pode-se abordar o processo histórico das referidas imagens, em qual contexto se insere na vida do educando, além de suscitar a criatividade dos mesmos para a produção artística.

De acordo com a professora Jociele Lampert:

(...) Desde o nascimento, o indivíduo vive rodeado em um mundo de histórias e produções culturais, que contribuem para a estruturação do senso estético. Interagimos e aprendemos com manifestações culturais a

demonstrar nosso prazer e gosto por imagens, objetos, músicas, histórias. (2005, p. 155)



**Figura 5: Fugindo da seca, Autor: J.Borges.
Fonte: Arte popular do Brasil**

Fica evidenciado então que por meio das manifestações culturais conhecemos e apreciamos produções culturais, tanto as que estão ao nosso redor, quanto às que estão mais distantes, geograficamente falando.

Nas palavras de Raimundo Martins (2007, p. 26), “A cultura visual discute e trata a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida da cultura”.

Em relação a este novo campo de estudos para o ensino da arte, se faz necessário que o Arte-Educador possibilite ao educando desvendar por meio do universo visual fatos relacionados com o seu ambiente cultural, mostrando as possibilidades de criar e recriar objeto visual.

Dias assegura que:

É importante acrescentar que a educação da cultura visual significa a recente concepção pedagógica que destaca as múltiplas representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça. (DIAS, 2011, p. 54)

Em relação à cultura visual no contexto escolar, o educador Fernando Hernández comenta que:

(...) A expressão cultura visual refere-se a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar. (...) a reflexão e as práticas relacionadas a maneira de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrassubjetivas de ver o mundo e a si mesmo. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 22)

Sendo assim, trazer para esta abordagem as xilogravuras (nordestinas) de cordel é oportunizar ao educando observar uma manifestação artística cheia de mistério e poética, consistindo nestas um imaginário, uma religiosidade, sendo santos e beatos, princesas, cangaceiros, vaqueiros e mandacarus. Estas xilogravuras, em especial às de J. Borges revelam muito dessa religiosidade tão presente no nordeste brasileiro, bem como a história de vida do sertanejo.



**Figura 6: Os boiadeiros, Autor: J.Borges.
Fonte: Arte popular do Brasil**

Para referenciar este assunto recorro as Arte-Educadoras Maria Felisminda Fusari e Maria Heloísa Ferraz que afirmam:

(...) Não existe nenhuma dimensão de visualidade que não tenha suas raízes no mundo cultural. Desde os primeiros registros visuais do homem pré-histórico, até os últimos avanços tecnológicos, a expressão visual vem se ampliando nos domínios das linguagens artísticas e através do próprio imaginário cultural. (2001, p. 82)

Como proposta de se abordar este conteúdo em sala de aula, pode-se discutir com o educando o valor dessas xilogravuras na identidade do povo nordestino e para a cultura popular brasileira. Algumas xilogravuras retratam o agreste, a imigração, fato pelo qual entra nesta abordagem a vinda dos nordestinos para outras regiões brasileiras, inclusive, para o estado do Acre.



**Figura 7: Mudança de sertanejo, Autor: J.Borges.
Fonte: Arte popular do Brasil**

Sob esse enfoque, Fernando Hernández, um dos maiores pesquisadores no Campo da Cultura Visual, afirma que:

Os Estudos da Cultura Visual nos permitem a aproximação com estas novas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras de as crianças, jovens, famílias e educadores olharem (-se) e serem olhados. Reconstrução não somente de caráter histórico, mas a partir do momento presente, mediante o trabalho de campo ou a análise e a criação de textos e imagens. Reconstrução que dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades. No caso da educação, esta tarefa tem a ver com a própria função mediadora da Escola como instituição social, com o papel do currículo em termos da afirmação/exclusão de formas de poder e de saber, e com algumas representações que se autorizam frente a outras que se excluem. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 37)

Nessa linha de pensamento, o Arte-Educador precisa oferecer ao educando contato com diferentes produções artísticas para que este amplie seu olhar sobre a linguagem imagética.

METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico, sendo realizada uma investigação sobre o objeto de estudo a ser analisado.

Dessa forma, na concretização deste trabalho os desdobramentos realizados consistem em etapas que foram desenvolvidas no decorrer desta análise para que houvesse um entendimento maior acerca do assunto abordado.

Primeiramente, já com o tema definido, cujo mesmo surgiu das observações no decorrer dos meus Estágios Supervisionados, mais precisamente no Estágio Supervisionado em Artes Visuais 2 (Observação/Participação) e ainda no Estágio Supervisionado em Artes Visuais 3 (Regência) na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Instituto São José, quando observei que o cordel não faz parte dos conteúdos programáticos da disciplina de Artes, fiz um levantamento dos teóricos que seriam fundamentais para embasar este trabalho, bem como visitas realizadas em sites considerados seguros para buscar novas ideias aqui exposta.

Vale observar que, apesar de ter buscado em outras fontes de pesquisa material para dar suporte a esta investigação, a maior carga de leitura adveio de textos teóricos das disciplinas ofertadas ao longo deste curso.

Em seguida, para definir os tópicos deste trabalho, levantei palavras-chave com base na linha de pensamento desta investigação, visando o que seria abordado com maior ênfase.

Por último, a análise desta pesquisa compreendeu ainda teorias que visam a importância de se inserir o cordel no ensino das Artes Visuais por meio da visualidade em sala de aula para o processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Deste modo, ao reunir todas as informações e fontes para esta investigação espero contribuir com o ensino das artes em meu município, e que diante dos resultados obtidos em relação a esta análise o Arte-Educador possa se sentir seguro para inserir nas aulas de artes o conteúdo programático já mencionado e conseqüentemente seja inserido no PPP das escolas, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem dos educandos, suscitando nos mesmos o interesse pelo ensino da arte de forma poética, criativa e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é o resultado de uma investigação realizada por meio de uma revisão bibliográfica na qual foi possível averiguar sobre as possibilidades de abordagem do cordel no ensino das Artes Visuais.

Embora já tivesse uma base de que seria possível inserir o cordel nas aulas de Artes, uma vez que ao longo do curso foi abordado este assunto em disciplina ofertada, faz-se necessário dizer, porém, que foi nos referenciais teóricos aqui apresentados que encontrei subsídios para o desenvolvimento desta investigação.

Dessa forma, diante do que foi abordado neste trabalho, foi possível compreender que a arte é disseminadora das expressões culturais desde os tempos remotos, se estendendo aos dias atuais.

Nesta investigação foram levantados estudos que evidenciam que a cultura popular tendo como aliada a educação poderá ultrapassar os muros das escolas e estimular o respeito e a valorização dos educandos pelas manifestações culturais, tanto locais, quanto regional, sendo que tais manifestações culturais precisam ser utilizadas no ambiente escolar para que sejam apreciadas, produzidas e resignificadas.

Partindo deste contexto, considerando que este trabalho se propôs a investigar as possibilidades e formas de abordagem do cordel no ensino das Artes Visuais, fica compreendido com base nos fundamentos teóricos que subsidiaram esta busca que a inserção do cordel poderá contribuir para atender à necessidade de os educandos conhecerem sua identidade, além de terem oportunidade de apreciar e também produzir uma das manifestações culturais de maior expressividade do país.

A partir desta investigação, entendi que o ensino das artes mediado por meio do campo da cultura visual é de fundamental importância para o desenvolvimento educacional do educando.

Por meio deste estudo, observou-se também que a visualidade no ensino das Artes Visuais instiga o educando a pensar, refletir e questionar, tornando-se cada vez mais pensante, reflexivo e crítico.

Sob essa perspectiva, entendo que se faz necessário que as possibilidades aqui levantadas para a inserção deste conteúdo programático nas aulas de Artes

sejam utilizadas no ambiente escolar pelos que ministram aulas nesta área, fica também o anseio que os mesmos se disponham a investigar mais aprofundadamente outras formas de abordagem do referido conteúdo.

Vale ressaltar que o cordel estimula a criatividade dos educando, pois, com base nas rimas, podem ser dadas visibilidades a estas por meio de produções artísticas, na xilogravura, além de apreciarem, é lhes oportunizado fazerem criações com o emprego desta técnica, o que justifica sua inserção como conteúdo programático nas aulas de Artes Visuais.

Sabemos que ser educador nunca foi uma tarefa fácil, e nos dias atuais essa prática tem se tornado cada vez mais complexa, por isso, é preciso buscar subsídios que possam contribuir para a prática docente, bem como para uma aprendizagem significativa do educando.

Dessa forma, tanto aprende o educando, quanto o educador, pois, na medida em que ambos procuram explorar outros campos de conhecimentos, tendem a aquisição de uma nova aprendizagem.

Após esta investigação, fica o anseio de que os apontamentos aqui realizados possam contribuir para a inserção do cordel no PPP das escolas do município de Tarauacá, que este conteúdo possa ser abordado nas aulas de Artes e que sirva para a construção de novos conhecimentos para todos os envolvidos neste processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, do educando.

É válido enfatizar que as buscas levantadas acerca deste assunto, foram relevantes para o meu progresso investigativo, de igual modo para o aperfeiçoamento de minhas atividades voltadas para o campo da análise de conteúdos que visem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem dos educandos na Educação em Artes Visuais.

Mediante os fatos expostos, conclui-se que as Artes Visuais inter-relacionadas com o campo da cultura visual possibilitam ao educando uma compreensão de mundo de forma mais eficaz, sendo que o cordel integrado a xilogravura são capazes de promover uma aprendizagem significativa em relação à história do povo nordestino, da cultura e da arte popular brasileira.

REFERÊNCIAS

Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **Folhetos de Cordel**. [online] Disponível na Internet via <http://www.ablc.com.br/>. (Acesso em: 18/10/2012).

ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. São Paulo: Duna Dueto, 2008.

Arte popular do Brasil. **Lampião e Maria Bonita**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

_____. **Forró pé de serra**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

_____. **J. Borges**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

_____. **Fugindo da seca**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

_____. **Os boiadeiros**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

_____. **Mudança de sertanejo**. [online] Disponível na Internet via <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/j-borges.html>. (Acesso em: 18/10/2012).

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos: Cultura e Ensino da Arte**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 116p.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, 1996. [online] Disponível na Internet via http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm (Acesso em: 20/09/2012).

COSTELLA, Antônio F. **Introdução à gravura e à sua história**. Campos do Jordão, SP: Ed. Mantiqueira, 2006.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Editora do Programa da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

FERREIRA, Sandra Lúcia. **Práticas interdisciplinares na escola**: Introduzindo a noção de interdisciplinaridade. Ivani Catarina Arantes Fazenda (coord) 12. Ed: São Paulo: Cortez, 2011.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SEDF. Currículo. Educação Básica. Ensino Fundamental – Série Anos Finais. Brasília, 2008. 272p. [online] Disponível na Internet via http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/pdf_se/links_paginas/cur_ed_basica/curriculo_fundamental_anosfinais.pdf (Acesso em: 02/12/2012).

HERNÁNDEZ, Fernando. Trad: Ana Death Duarte. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Mudanças que exigem outra narrativa Ed. Mediação: Porto Alegre, 2007. p. 35.

LAMPERT, Jocielle. Estágio supervisionado: andarilhando no caminho das Artes Visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005. p. 147-155.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte**. São Paulo: FTD, 2009.

MARTINS, Raimundo. **A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver**: Arte, educação e cultura. Marilda Oliveira de Oliveira (Org). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

_____. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005. p. 133-145.

MINISTÉRIO DA CULTURA. SECRETARIA DA IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL. **Plano Setorial para as Culturas Populares** / MINC; SID – Brasília, 2010. 65f. [online] Disponível na Internet via <http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/28/sid-7-anos-23/> (Acesso em: 20/09/2012).

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO ACRE e SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO BRANCO. Série **Cadernos de Orientação Curricular. Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental. Caderno 1 – Arte**. Rio Branco, 2010.

SOUZA, Carlos Alberto de. **História do Acre: novos temas nova abordagem**. Rio Branco, Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002, 212p.